

Quando a literatura, oralitura: diálogos afrofuturistas com Lu Ain-Zaila

Lu Ain-Zaila (PUC-Rio)

Entrevistadoras

Danielle da Silva Leal (UERJ)

Hanny Saraiva Ferreira (PUC-Rio)

PALIMPSESTO

1) Como você define a ficção afrofuturista brasileira? O que ela se difere e se aproxima da ficção afrofuturista de outros lugares da América Latina e América Central?

LU AIN-ZAILA

Nossas ficções são narrativas que elaboramos carregadas de valores filosóficos e marcas culturais de povos negros em qualquer espaço, universo, temporalidade. Esta característica é muito real e vibrante no Brasil, mas não posso afirmar sobre a América Latina porque nossos contatos ainda são escassos. Mas as literaturas negras latinas se fazem das memórias e manifestações como meios de inspiração ficcional e nossa ideia de tecnologia e tecnocultura com certeza serão mais abrangentes do que a simples conexão com maquinários. E do pouco que sei é algo começando, mais jovem que nossa história, então esperemos.

Porém, mesmo tendo um campo de escrita jovem que acabou de fazer dez anos, isto não veio do nada, tem esteio de uma realidade democrática e de direitos que não existiam, somos frutos desta geração. Outros países latinos estão experimentando certas questões políticas e sociais que nos afetaram há vinte, trinta anos e fazem parte da nossa construção social e psicológica, mas com o adendo de ter linhas do tempo para as quais podem olhar e corrigir trajetórias. Isto é importante.

A vontade e a visão de quem está fazendo por aí está bebendo em fontes diversas. E quando falamos de diferenças também falamos do tamanho desta população que acaba expandido esta ocupação em comparação a países onde a população negra é menor. E no geral seria mais fácil investigar ficções especulativas negras ao invés de afrofuturistas, pois a velocidade do processo está sendo bem diferente em cada lugar.

PALIMPSESTO

2) Podemos perceber que há uma predominância de personagens femininas em suas obras, é intencional? Quais os processos criativos que você escolhe na construção desse protagonismo feminino?

LU AIN-ZAILA

Sim, há uma intencionalidade porque começamos do zero, então para mim fez sentido escrever histórias com protagonistas negras sem o peso de lacuna presencial no afrofuturismo, mas ainda precisamos de muitas presenças para termos mais variedades de protagonismo. O caminho literário não é fácil, é negro, e isto marca tanto os acessos da autoria como os acessos deste movimento que tem dados passos bem interessantes, apesar das dificuldades econômicas.

E meu processo criativo se dá especialmente pensando elas como muntu, pessoas que têm um potencial, energia vital que transcende o gênero, mas que ao mesmo tempo se conecta. A base de pesquisa é a mesma, os conhecimentos e valores também, mas o desenvolvimento vai se dando na medida do aprimorar da história e isto as faz o que são, sem limites inspirativos.

PALIMPSESTO

3) Pensando nas obras produzidas no Sul do mundo, o aquilombar como dispositivo de resistência e embate cultural pode ser encontrado no campo da ficção afrofuturista brasileira? Se sim, como ele se organiza? Se não, como ele poderia ser praticado?

LU AIN-ZAILA

Todas as movimentações negras têm este propósito de resistência e persistência em afirmar que estamos aqui para viver e nos mantermos pessoas íntegras em nossos termos. A literatura afrofuturista é uma literatura negra que especula, um campo mais elaborativo que tem no uso dos elementos culturais, históricos, filosóficos, sociais, tecnológicos e etc. este aquilombamento que Beatriz Nascimento identificou em nossa população através das vivências e aproximações/separações em momentos políticos, sociais, de afirmação, entre outros. Este aquilombar não nos chega de forma tão consciente, mas na construção de ser negro se aprimora pela experiência e consciência da identidade negra que vamos moldando. A ideia de protagonismo autoral e protagonistas negros já nos dá um lugar para começar o processo de conscientização aquilombado entre

vida e literatura, marcado pelos encontros e questionamentos. E isso fica evidente na movimentação literária afrofuturista.

PALIMPSESTO

4) Outro ponto que podemos destacar em suas obras é a herança cultural dos povos africanos, tendo como base a relevância da palavra e a ancestralidade. Para você, qual a importância da oralidade e da oratura africana tradicional nas obras afrofuturistas?

LU AIN-ZAILA

Esta é uma marca afrofuturista, da literatura negra. Esta identificação nos dá laços com nossa história, cultura e tudo o que está de pé e escrito. Não podemos dizer que temos oratura porque não tivemos chance de uma tradição oral nos termos que acontece num país africano. O que aprendemos por livros e depoimentos escritos/orais aqui é de outra ordem, temos as manifestações que falam, sim, mas não é um acesso normalizado ao corpo negro. Já lá é coisa que começa no berço, tá na língua, no provérbio, na comida, é cotidiano, não se pergunta, é. Então entendemos que não temos oratura.

Aqui é uma afrodíaspóra e isto marca bem como corpos negros vieram parar aqui e em outros continentes, pela escravidão. Então o que temos aqui são as variações: a oralidade, a oralitura, a grafia da memória, a memória em si, leituras de filósofos negros, de Leda Martins, de Azoilda Loretto e de quem nos ensina entre o aqui e lá. Então nos reconstruímos pelos vestígios, encontros, persistências e tudo o mais que veio e se manteve pela memória passada que vai além da ideia escrita, é um universo não medido pelas formas.

PALIMPSESTO

5) O cenário literário brasileiro tem crescido bastante, sobretudo com a ampliação e maior divulgação de obras protagonizadas e escritas por autores/as negros/as. Apesar disso, o número de leitores no Brasil, sobretudo de jovens, tem diminuído. De que maneira a literatura afrofuturista pode incentivar as crianças e adolescentes a lerem diante dessa realidade tecnológica que estamos vivendo?

LU AIN-ZAILA

Não há como o universo literário crescer sem leitores ao mesmo tempo que literatura negra nunca figurou como parte do mercado editorial sistemicamente e de fato. Não dá para afirmar tal coisa e a literatura afrofuturista está muito mais fora deste mercado oficial do que dentro, incluindo os locais e modos de circulação. Se pensarmos as tais pesquisas, não me lembro delas em qualquer periferia, em qualquer evento fragmentado de literatura negra, então o tal universo investigado é o mesmo do cânone com poucas diferenças. Assim, o que temos são dados de vestígios, ao redor e quem está por aí fazendo não vê esta diminuição, mas um aumento que não será registrado, já disse Samuel Delany em *Racismo e Ficção Científica*, sobre quando vão começar a se preocupar. Portanto, é óbvio que neste mercado não estou e tantas outras autorias também.

Mas nem sei se devemos depender deste mercado para elaborar dados, pensando aqui em Marcelo Paixão na época do IDH, talvez devamos construir meios mais de fazer isto e o pensamento como guia ser outro, também, pensando nas gerações formadas por aí em dados que nunca ouviram o seu nome. É suspeito e seus dados devem ser vistos com cautela também.

Assim, posso dizer que já incentivamos a leitura pelas movimentações que fazemos e que não há este mundo internético idealizado e sim um problema de acesso à literatura que escolas sem acervos dignos não vão dar conta, o formato do PNLD não colabora, mediadores de leitura são uma alucinação quando deveriam ao menos estar nos centros culturais dos municípios e não existe ônibus de circulação para mover turmas, a corrupção por si só já é um entrave desde a merenda. Enfim, a falta de projeto é um projeto de alienação a derrubar. E a internet por si só não é um objeto de afastamento, temos que considerar como uma ferramenta de disputa de diálogo e que pode ser meio para ler também. É um processo de longo prazo que já está num movimento não coeso de transformação, então que continuemos fazendo até ver a diferença.

PALIMPSESTO

6) O território e os cenários periféricos sempre aparecem em seus enredos. Como as territorialidades podem ser inseridas nas obras afrofuturistas para que os imaginários culturais sejam descolonizados?

LU AIN-ZAILA

Já fiz histórias no espaço, outros planetas, mas mesclar as territorialidades de pessoas negras é algo que muda a nossa visão de valor das vidas presentes ali. Mas você precisa se colocar como testemunha da memória. Que locais negros históricos você visitou? Tem política de Estado para o turismo destes espaços ou é coisa “à parte” incluindo os recursos para patrimônios? Essa é uma questão o tempo inteiro quando escrevemos, mesmo sem diretamente lidar, porque elaborar e entender o território e as territorialidades neles é um sistema de sentidos construídos por pessoas, Milton Santos ensinou bem isto.

Daí terei consciência que minha história com o tempo será esquecida, mas o que fica dela é a chave de virada. A importância de quem está ali na narrativa e a certeza de que são lugares possíveis para contar histórias, não focando nas dificuldades como mote, mas focando nas melhorias, no direito à vida e isto é relevante.

Assim nos tornamos um território cognitivo, corpo de narrativas de uma territorialidade mesclada, onde as pessoas negras e as profissões que exercem também são questões a lidarmos, pois quem nos ensinou que pessoas negras que vendem comida, lanche, consertam carros, são empregadas não podem ser decisivas quando foram elas para muitos de nós que tornaram possível nos formarmos nos trâmites do sistema? É preciso autocriticar a ideia de valor das pessoas, importando o que é de fato uma pessoa, para além do status social.

PALIMPSESTO

7) Aproveitando o gancho da pergunta anterior, tendo em vista o crescente debate em torno da educação antirracista e da consolidação da Lei 10.639/03, como podemos pensar a desconstrução de histórias únicas por meio da literatura afro-brasileira e afrofuturista?

LU AIN-ZAILA

É um movimento árduo da literatura negra como um todo e também assumido pela afrofuturista como parte. A ideia afrofuturista é um meio interessante para mobilizar todas as ideias, mas no ambiente escolar também é uma ferramenta e tanto de debate e diversão. Neste campo, temos a Prof. Dra. Helena Rocha do UFPA – Belém/PA com mestrado e doutorado na prática de sala de aula, com materiais disponíveis gratuitamente, com a metodologia Cartodiversidade, com a primeira disciplina de Relações Etnicorraciais a ter

o afrofuturismo como conteúdo dentro de uma obrigatoria, formando pessoas de cursos diversos em licenciaturas, mostrando a possibilidade das literaturas em inúmeras disciplinas e acredite, não precisamos de computadores para isto, não como regra.

É uma abertura e tanto porque a palavra tecnologia é muito da ideia de máquina e isto não nos ajuda porque temos muitas gambiarras, mais que tecnologias dentro do que o mercado nomeia assim. Então como ficam as tecnologias cotidianas ou ancestrais? Muitas vezes chamo de artefatos, saberes como já eram chamadas porque na busca da internet os termos se perdem, somam sentidos e temos que ter cuidado para não estarmos buscando graus de valor em lugares errados.

Então para mim, a educação se encontrando com a literatura afrofuturista é importante e o que mais temos acontecendo, diante de outras vertentes de artes afrofuturistas porque é a das ideias que chegam rápido, na mão, no e-mail, no link, carrega os valores implícitos, vão direto à memória, instigam o imaginário em detalhes de corpos, vozes, trazem cheiros e sensações que nunca tínhamos conectado antes em tais termos, com vigor central até. E não pede meios mais elaborados de transmissão. É a palavra senso sempre nossa comunicação mais efetiva. E imediata.

PALIMPSESTO

8) Levando em consideração que precisamos sulear mais nossas referências, quem você destacaria no cenário afrofuturista contemporâneo e que merece ser mencionado(a)?

LU AIN-ZAILA

Não tem um nome, tem um universo de conhecimento e pessoas fazendo de todo o lugar. Estamos começando, mesmo que acreditem ser dez anos muito, não é. Não tem um boom, é uma movimentação negra que tem muito trabalho pela frente, imaginações e precisamos que leiam nossas narrativas e assumam como referências nossos pensamentos para entender do que se trata a literatura afrofuturista. Mas num país que nega o lugar de filósofo a Nêgo Bispo, não há dúvidas que o caminho é longo.

A estrutura acadêmica ainda não permite que nossa expertise esteja presente em bancas, então quem tem feito currículo sobre nossos corpos? Algo que antecede este movimento e isto é um problema sério.

Então, precisamos que esta história seja registrada em seus devidos termos, através do pensamento negro, principalmente. Não há como falar desta literatura com discursos de sulear e praticando as mesmas invisibilidades de sempre. Esta é uma dívida

que deve ser cobrada também do meio acadêmico, do seu papel como lugar de pensamento social brasileiro que o fez historicamente em nosso desfavor e ainda não assumiu o compromisso ético de desfazer o que fez para criar e manter a lacuna sociológica (Sociologia da Lacuna), como bem nomeou Mário Augusto de Medeiros.

Lu Ain-Zaila: é mestranda em Letras (PUC-Rio). Pedagoga e Escritora afrofuturista das obras *Duologia Brasil 2408 – (In)Verdades e(R)Evolução*, relançado na Editora Kitembo/SP; *Sankofia e Ìségún* (2019), contos em antologias, avulsos, e realiza pesquisas relacionadas à educação e literatura afrofuturista. Foi júri no Prêmio São Paulo de Literatura 2024 e se debruça sobre a importância de imaginar e concretizar afrofuturos e futuros positivos.

Danielle da Silva Leal: possui graduação em Letras – Português/Literaturas pela UERJ, especialização em Literatura Brasileira pela UERJ e mestrado em Literatura Brasileira pela UERJ. É doutoranda em Literatura Brasileira pela UERJ. Sua pesquisa tem como foco a produção literária de Eliana Alves Cruz. É integrante do grupo de pesquisa “Narrativas de Mulheres Negras como campo de investigação e universo estratégico para o enfrentamento do racismo institucional no SUS” da Fiocruz.

Hanny Saraiva Ferreira: possui graduação em Letras – Inglês/Literaturas pela UERJ, especialização em Editoração – Mercado do livro pelo IUPERJ/UCAM e mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio. É integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares sobre o Continente Africano e as Afro-diásporas – LEPECAD/PUC-Rio, onde pesquisa ficção especulativa e afrofuturista. Autora de quatro livros de ficção, é integrante do Coletivo Escritoras Asiáticas & Brasileiras.